

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XV, Nº 07 – 2011 JULHO
Assinatura até 31.12.11: 5 selos postais de 1º Porte Nacional
Não-comercial (R\$ 0,75) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.
Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!
www.haicu.sf.nom.br

Cuantan que antaño, – y por si no lo cuantan,
invéntolo, – un labriego que quería
mucho a un zorzal, a quien dejaba libre
surcar el aire y desafiar el viento –
de cierto bravo halcón librarlo quiso
que en cazar por el ala adestró astuto
un señorín de aquellas cercanías, –

José Martí 1853-1895, [Cuantan que antaño...],
Poesía Completa Tomo I
Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

Se acaso aqui tomares, caminhante,
meu frio corpo já cadáver feito,
leva piedoso, com sentido aspeito,
esta nova ao esposo aflito, errante.
Dize como de ferro penetrante
me viste, por fiel, cravado o peito,
lacerado, insepulto, e já sujeito
o tronco feio ao corvo altivolante.
Que dum monstro inumano, lhe declara,
a mão cruel me trata desta sorte,
porém, que alvío busque à dor amara,
lembrando-se que teve uma consorte
que, por honra da fé que lhe jurara,
à mancha conjugal prefere a morte.

Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha 1769-1811*

À Mameluca Maria Bárbara (Assassinada porque preferiu a morte à mancha de adúltera)*
Edgard Rezende, Os mais belos sonetos brasileiros, 2ª Edição, 1947: Casa Editora Vecchi Ltda. – www.estantevirtual.com.br

Dia das Mães, de carinho
de emoção e de alegria,
Dia das Mães, meu filhinho
não é um, mas todo dia!
Aloísio Bezerra, 1106
Koisalinda: Rua Liberdade 182
14085-250 – Ribeirão Preto, SP

Um tribunal claudicante,
– juízes comprometidos!
Habeas-corpus aos mandantes,
prisão para os desvalidos.
Francisco Macedo, 1106
O Patusco: Caixa Postal 95
61600-970 – Caucaia, CE

Para a mãe é um colosso
que faz esquecer fracassos
ter dos filhos ao pescoço
um colar feito de braços!
Luiz Arruda, 1105
Binóculo
jbatista@unifor.br

Neste Universo, tão vasto,
onde o mal vive a crescer,
mais aumenta o mal nefasto,
da arrogância do poder.
Pedro Grilo, 0906, Trinos
do Pitiguari: R.Guanabara 542
59014-180 – Natal, RN

Mesmo que dure, a trapaça
será por fim conhecida...
verdade – é como fumaça:
não fica nunca escondida!
Pedro Omellas, 1104
Trovas e Poemas, CP 123192:
28230-000 – S. Fco. de Itabapoana/RJ

Jardim do Éden sonhado,
jardim de amor... de esperança...
foi meu jardim no passado,
nos meus tempos de criança.
Wilson de Oliveira Jasa, 1106
Fanal: Rua Álvares Machado 22, 1º
01501-030 – São Paulo, SP

A minha roça eu troquei
pelas luzes da cidade.
Nesse dia eu comeci
meu plantio de saudade!
Arlindo Tadeu Hagen

Viu o ovo despencado
e o repós na palha fria
ouvindo o belo trinado
da ave que agradecia.
Eliana Palma

Falhei nesta vida minha,
ao querer ser o teu rei,
pois tu já eras rainha,
e escravo tu me tomei.
Luiz Hélio Friedrich

Mesmo o melhor galanteio
não tem a força do olhar
que, em silêncio, é o melhor meio
de se dizer... sem falar!
Marisa Vieira Olivaes

Tentando aparentar trinta,
o cinqüentão se ferrou.
Comprou um estoque de tinta,
mas... o cabelo acabou.
Wandira F. Queiroz

Poeta, vês a beleza
em tudo o que há por aí,
mas, afirmo com certeza
que ela está dentro de ti.
Zenaide Marçal

Julho de 2009, Trovias, Revista virtual mensal – Coordenador A. A. de Assis – Visite: www.falandodetrova.com.br

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, endereço e CEP do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.

2. Posteriormente o haicuísta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles

SELEÇÕES MENS AIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Até o dia 30.07.11, enviar até 3 haicus de quigos: Dia do Dentista, Gato em Amor, Miosótis.
Até o dia 30.08.11, enviar até 3 haicus de quigos: Dia da Música, Potrilho, Sibipiruna.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Rua Des. do Vale 914, Ap 82
05010-040 - São Paulo, SP
ou mfmendez@superig.com.br



QUIDAI S DE INVERNO – TEMAS DE INVERNO

Manhã nublada
farol fechado
Dia do Motorista.
Edmilson Felipe

Chá quente.
Um cobertor amigo
noite de inverno.
Flávio Velasco

Quadr as inspiradas
no Dia do Trovador –
a Luiz Otávio.
Iraí Verd an

Um rio minguante
agoniza perto da estrada.
A seca chegou.
Mª Marlene N. T. Pinto

Noite de balada
dançam luzes, lãs e cores.
Campos do Jordão.
Maria Mello

No calor do bule
pétalas verdes em folha
olor flor de chá.
Rosangela Aliberti

No meio da mata
tempo de rio minguante.
Folhagem seca.
Suely da Silva Mendonça



HAICUS E M FOLHA

Litoral deserto.
Só o grito das gavotas,
na praia de inverno... B
Amália Marie Gerda

Salivando a boca
um prato de macaxera,
sobre a mesa exposto. N
Analice Feitoza de Lima

Na praia de inverno
um casal solitário.
Conchas expostas. N
Denise Cataldi

Frio... Ventania...
inverno rigoroso.
Árvore desnuda. N
Djalda Winter Santos

Vento empurrando
folhas secas no chão.
Árvore desnuda. D
Iracema Gomes

Com macaxera
aipim ou mandioca:
bolo gostoso! X
Maria App. Picanço Goulart

Folhas desprendidas
vão embora com o vento.
Árvore desnuda. C
Renata Paccola

Ninhos espalhados
aos pés da árvore desnuda,
sobre um chão de folhas. D
Amália Marie Gerda

O outono chegou,
as folhas estão caindo.
Árvore desnuda. H
Argemira F. Marcondes

Sem as folhas
a árvore desnuda.
Toca de esquilos. N
Denise Cataldi

Solitário,
cata mariscos nas pedras.
Praia de inverno. N
Flávio Ferreira da Silva

A moça coze
na panela, a macaxera.
Porção de manteiga. N
Iracema Gomes

Sobre a mesa
travessa fumegante:
macaxera. H
Neuza Pommer

No prato do almoço,
nordestino sãoboreia
macaxeira frita. H
Renata Paccola

Ondas gigantescas
espumam contra os rochedos,
na praia de inverno. D
Amália Marie Gerda

O vento soprando,
mar bravio e sem banhista.
Praia de inverno. X
Argemira F. Marcondes

Só duas pessoas
caminhando pela areia.
Praia de inverno. D
Djalda Winter Santos

Céu nublado,
mar revolto.
Praia de inverno. N
Flávio Ferreira da Silva

Defronte esta casa
o ipê já desnudado
e a rua deserta. X
Manoel F. Menendez

Fim de tarde,
silhueta se destaca.
Árvore desnuda. H
Neuza Pommer

Névoa à beira mar.
As ondas se despreguçam
na praia de inverno. H
Roberto Resende Vilela

Na praia de inverno
o vento tecendo rendas
das ondas de espuma. H
Analice Feitoza de Lima

Na praia de inverno,
esportista solitário
pratica exercícios. A
Darly O. Barros

Macaxera frita
na mesa pronta do almoço.
Comida atraente. N
Djalda Winter Santos

Carnes salgadas,
feijão preto e macaxera.
Tutu à mesa. X
Flávio Ferreira da Silva

Mãos dentro do bolso
e um capuz na cabeça,
na praia deserta. X
Manoel F. Menendez

Maré alta
molha apenas a areia.
Praia de inverno. N
Neuza Pommer

Verão tropical.
Guimba atirada ao acaso.
Árvore desnuda. N
Roberto Resende Vilela

A M A Z O N A S – P á t r i a d a Á g u a

Thiago de Mello, Editora Boccato, 2007; com texto correspondente em inglês (1ª Edição 1989) www.boccato.com.br – www.estantevirtual.com.br

Nesta bacia drenada pelo rio por excelência, mais cedo ou mais tarde há de se concentrar a civilização do Globo. (Humboldt 1767-1835)
O mais precioso patrimônio que o século XXI recebe, para o bem da Humanidade, é a riqueza da Floresta Amazônica. (Daisaku Ikeda)

AINDA É TEMPO

Não vale mais o vigor de esperança das palavras que venho proferindo em tantos cantos do mundo, onde chego para ajudar a defender a beleza da vida, que dá sentido e grandeza à condição humana:

– Faz a tua parte, a floresta será salva.

Faz tempo que me consagro à causa da preservação das verdes virtudes amazônicas: a mais preciosa fonte de vida do planeta. Cada dia

mais impiedosamente devastada. Mordida pelo ferrão da cobra internacional. Devorada pelo fogo dos madeiros perversos, pela voracidade (tenho vontade de escrever ferocidade) dos empresários poderosos.

Todo mundo já sabe que a emissão de gás carbônico, metano e óxido nítrico, pelas chaminés das indústrias dos países opulentos, vem aquecer a atmosfera, causando o chamado efeito-estufa. A Terra, corpo vivo, nossa mãe e

morada, começou a dar sinais de sofrimento. As chuvas chegavam ácidas. As águas, enlouquecidas, invadiam cidades. As árvores perdiam as folhas em plena primavera.

A bondade da Natureza envolveu a Terra com uma película mágica, só para proteger os seres terrestres de raios solares malignos. Pois não é que humanos malvados abriram buracos enormes na delicada matéria protetora? Quando os cientistas descobriram, ficaram alarmados. Tan-

tos foram os cuidados com a perfuração da camada de ozônio, que se descuidaram do perigo maior: o aquecimento global. Até que em 2006 a Ciência, estou dizendo os sábios da comunidade científica, alertaram a humanidade: de tão elevada, a temperatura da Terra chegou a um estado irreversível e revelaram as trágicas consequências para a vida do próprio planeta e dos seres que nele vivem. É preciso ouvir a terrível advertência: o mesmo calor que

já derrete os gelos da Antártida e as neves dos Andes, que eram eternas, ameaça transformar a nossa floresta numa savana desolada. O relatório do Painel Internacional de Mudanças Climáticas das Nações Unidas não usa metáforas: a floresta vai secar.

A floresta amazônica ainda pode ser salva. O que dela sobrar vai ficar contente de ajudar a Vida.

A FUNDAÇÃO DA PÁTRIA ÁGUA

Da altura extrema da cordilheira, onde as neves são eternas, a água se desprende e traça um risco trêmulo na pele antiga da pedra: o Amazonas acaba de nascer. A cada instante ele nasce. Descende devagar, sinuosa luz, para crescer no chão. Varando verdes, inventa o seu caminho e se acrescenta. Águas subterrâneas afloram para abraçar-se com a água que desceu dos Andes. Do bojo das nuvens alvíssimas, tangidas pelo vento, desce a água celeste. Reunidas, elas avançam, multiplicadas em infinitos caminhos, banhando a imensa planície cortada pela linha do equador.

Planície que ocupa a vigésima parte da superfície deste lugar chamado Terra, onde moramos. Verde universo equatorial que abrange nove países da América Latina e ocupa quase a metade do chão brasileiro. Aqui está a maior reserva mundial de água doce, mágico labirinto que de si mesmo se recria incessante, atravessando milhões de quilômetros quadrados de território verde.

É a Amazônia,
a pátria da água.

É a Grande Amazônia, toda ela no trópico unido, com sua floresta compacta e atordoante, onde ainda palpita, intocada e em vastos lugares jamais surpreendida pelo homem, a vida que se foi urdindo em verdes nos âmagos da água desde o amanhecer do Terciário. Intocada e desconhecida em muito de sua extensão e de sua verdade, a Amazônia ainda está sendo descoberta.

Iniciado há quatro séculos, o seu descobrimento ainda não terminou. Porventura não termine nunca. E, no entanto, pelo que já se conhece da vida na Amazônia, desde que o homem a habita, ergue-se das funduras de suas águas e escorre dos altos centros de sua selva um terrível temor: o de que essa vida esteja, devagarinho, tomando o rumo do fim.

Vem comigo, é claro o tempo e sopra o vento geral. Vamos devagar, remando na água negra transparente, tomando todo cuidado para que a proa do casco não vinque a fimbria da luz. Vem comigo descobrir as fontes verdes da vida. Mas contigo traz amor

Mudaram as circunstâncias da vida terrestre. Da celeste também. Mudaram os ímpetus dos oceanos. As estações do ano estão desvaídas. Os pássaros se esquecem dos seus cantos. O mundo dos homens está mudando...

para com dor aprender.

A este universo de água e de terra, de rio e de selva, chegou o homem. É recente a sua chegada. Só há dez mil anos, já sabem os cientistas, chegaram os índios à Amazônia e dela fizeram a sua morada. É, portanto, esse o tempo de sua fundação, do seu verdadeiro começo: o homem chegando para permanecer e para amar.

OS NOMES DO MAR DOCE

Este é o rio que Vicente Yáñez Pinzón olhou em 1500, sem saber que já havia abandonado o Atlântico e ingressava na foz de um oceano de águas doces. Santa Maria de Lá Mar Dulce. Era o Amazonas varado pela quilha das caravelas primeiras. O Paraná-açu dos índios que habitavam as suas margens.

Foram muitos os seus nomes:
Mar Dulce,
o rio de Orellana,
Marañon,
o Gueni dos índios aruaques,
o Paranatinga,
o Parauaçú dos tupis,
San Francisco de Quito,
el río de las Amazonas,
o Grande rio das Amazonas.

AS LINDAS ÍNDIAS GUERREIRAS

Foi aqui neste lugar cheio de luz, diante daquela serra em cuja direção vamos navegando, a serra do Espelho da Lua, no amanhecer do rio Nhamundá, que o grande rio ganhou o nome pelo qual seria chamado para sempre: Amazonas, o rio Amazonas. Foi aqui que frei Gaspar de Carvajal, cronista da viagem do espanhol Francisco Orellana, o primeiro navegador destas águas, registrou a presença das lendárias índias guerreiras que deram o nome ao rio. Leio em voz alta estas palavras escritas há mais de quatrocentos anos:

“Travou-se aqui grande e perigosa batalha, porque os índios andavam misturados com os nossos espanhóis, que se defendiam tão corajosamente, que era uma coisa maravilhosa de ver. Andou-se neste combate mais de uma hora, pois os índios não perdiam de ânimo, antes parecia que o redobravam, embora vissem mortos a muitos dos seus e passavam por cima deles, e não faziam senão retrair-se e tornar a atacar.

Quero que saibam qual o motivo de se defenderem os índios de tal maneira. Não de saber

Concedo então que minha esperança também mudou. Perdeu flama. Mas não se apagou.

É possível, sim, amenizar as tremendas consequências do aquecimento do planeta. Desde que todos e cada um façamos a nossa

Thiago de Mello; Barreirinha, Batabinga, Manaus, Brasília, junho 2007

que eles são súditos e tributários das Amazonas, e, conhecida a nossa vinda, foram pedir-lhes socorro e vieram dez ou doze. A estas nós as vimos, que andavam combatendo diante de todos os índios como capitães e lutavam tão corajosamente, que o índios não ousavam mostrar as espáduas, e ao que fugia diante de nós, o matavam a pauladas. Eis a razão por que os índios tanto se defendiam.

Essas mulheres são muito alvas e altas, com o cabelo muito comprido, entrançado e enrolado na cabeça. São muito membrudas e andam nuas em pé, tapadas as suas vergonhas, com os seus arcos e flechas nas mãos, fazendo tanta guerra com dez índios. E em verdade houve uma dessas mulheres que meteu um palmo de flecha por um dos bergantins, e as outras um pouco menos, de modo que os nossos bergantins pareciam porco-espinho.

Perguntou-lhe o Capitão (a um índio aprisionado) que mulheres eram aquelas que tinham vindo ajudá-los a fazer-nos guerra. Disse o índio que eram umas mulheres que residiam no interior, a umas sete jornadas da costa, e, por este Senhor Couynco, seu súdito, tinham vindo guardar a costa. Perguntou o Capitão se essas índias eram casadas e o índio disse que não. Perguntou o Capitão de que modo viviam. Respondeu o índio que no interior e que ele tinha lá estado em muitas vezes e visto o seu trato e residências, pois como vasallo ia levar o tributo, quando seu Senhor o mandava. Perguntou o Capitão se essas mulheres eram muitas. Disse o índio que sim, e que ele sabia, pelo nome, setenta aldeias, e as contou diante dos que aí estávamos, e que em algumas havia estado. Perguntou o Capitão se estas aldeias eram de palha. Disse o índio que não, mas de pedra e com portas, e que de uma aldeia a outra iam caminhos cercados de um e de outro lado e de distância em distância com guardas, para que não possa entrar ninguém sem pagar direitos. Perguntou-lhe o Capitão se estas mulheres pariam. Disse o índio que sim. Perguntou o Capitão como, não sendo casadas, nem residindo homens com elas, emprenhavam. Ele disse que estas índias co-habitavam com índios de tempos em tempos, e quando lhes vem aquele desejo juntam grande porção de gente de guerra e vão fazer guerra a um grande senhor que reside e tem a sua terra junto à destas mulheres, e à força os trazem às suas terras e os têm consigo o tempo que lhes agrada, e depois que

parte. Sobretudo os governantes, que têm o dever de garantir a vida. Desde que a humildade vença a arrogância dos que se pretendem donos do mundo. O poder da utopia pode triunfar sobre o furor do apocalipse.

se acham prenhas os tornam a mandar para sua terra sem lhes fazer outro mal; e depois quando vem o tempo de parir, se têm filho o matam ou o mandam ao pai; se é filha, a criam com grande solenidade e educam nas coisas da guerra. Disse mais que entre todas estas mulheres há uma senhora que domina e tem todas as demais debaixo da sua mão e jurisdição, a qual senhora se chama Conhori.”

As crianças, os homens e as mulheres que hoje habitam este mágico pedaço do grande rio nunca leram os cronistas dos seus primeiros navegadores. Mas todos aqueles com quem conversamos nos transmitem, inabalável, límpida, a certeza de que aqui viverem, aqui lutaram, aqui amaram as índias Amazonas.

Transcrevo do meu caderno as anotações de uma conversa, levada à beira do lago do Espelho da Lua, cujas águas paradas estão recobertas de pequena vitórias-régias em flor, com nativos de Nhamundá. Era aqui que elas gostavam de vir tomar o banho delas, me garante um caboclo de fala vagarosa, o antigo sangue indígena luzindo no olhar.

– Desde quando tu ouviste falar nas Amazonas?
– Desde que sou gente. Eu digo que a gente nasceu sabendo delas, das Icamiabas, que é o nome delas mesmo.

– O que é que o povo daqui fala?
– Fala tudo o que elas foram, toda a verdade. Só eram índias fêmeas. Só no 25 de dezembro é que elas iam lá pro outro lado, onde já é o Pará, e de lá traziam os índios, só os que elas queriam para fazer o desejo delas, que era só uma vez por ano.

– Os índios vinham forçados?
– Eu digo que só podiam vir achando bom. E quando voltavam ainda traziam uns presentes, chamados muraquitãs, feitos de pedra verde, que elas mesmas faziam lá com as mãos delas. Até hoje de repente a gente ainda encontra muraquitã afé pelo chão que era o delas.

– E s filhos, quando nasciam?
– Se fosse filho macho, elas entregavam pro pais; só criavam as indiazinhas fêmeas.

– E para onde é que essas índias foram?
– Para que direção eu digo que não sei não, para onde é que elas um dia foram. Mas que elas foram, eu digo que foram. Os brancos não mataram as guerreiras não, os homens tinham era muito pavor delas. Os índios, já eles eu sei que foram lá pra cima, num lugar onde fica a primeira cachoeira grande do Nhamundá.

P L A T E R O E U

18 O Fantasma

O maior divertimento de Anilla, cuja florida e ardente juventude foi uma generosa ofrenda de alegrias, era vestir-se de fantasma. Enrolava-se toda num lençol, polvilhava o rosto de alvaiade, punha na boca uma dentadura postiça, e quando, já depois da ceia, cabeceávamos meio adormecidos na varanda, ela surgia de repente pelas escadas de mármore, com uma lanterna acesa, caminhando lenta, imponente e muda. Era, assim vestida, como se sua nudez se houvesse transformado em túnica. Sim. Aquela aparição sepulcral, que descia das alturas tenebrosas, assustava, mas, ao mesmo tempo, fascinava, em sua inteira brancura, não sei com que ardente irradiação sensual...

Jamais esquecerei, Platero, aquela noite de setembro. O temporal desabava sobre a vila fazia já uma hora, como um espírito diabólico, despejando água e granizo, através da desesperante insistência dos relâmpagos e trovões. O albigue já transbordava e inundava o pátio. As últimas sombras já haviam passado – a diligência das nove, as alas penadas, o carteiro.... Trêmulo de medo, fui tomar água na varanda, e, ao esverdeado lívor de um relâmpago, vi o eucalipto das Velarde – a árvore do cuco como o chamávamos – e que tombara fulminado aquela noite, caído sobre o telhado do alpendre...

De repente, um ruído seco e pavoroso, como a sombra de um grito de luz que nos deixou ce-

Juan Ramón Jiménez, tradução Athos Damasceno, 1987, Editora Rio Gráfica Ltda. – www.estantevirtual.com.br

gos, sacudiu a casa toda. Quando voltamos à realidade, estávamos todos fora de nossos lugares e como que isolados, sem aperceber-nos da presença uns dos outros. Todos se queixavam – da cabeça, dos olhos, do coração... Pouco a pouco fomos recompondo-nos do abalo.

O temporal amainara... A lua, entre nuvens enormes que se rasgavam, de alto a baixo, alumiaava de um palor mortuário a água que alagava o pátio inteiro. Saímos para ver a noite. *Lord* ia e vinha pela escada do curral, ladrando como um louco. Seguimo-lo... Platero. Logo abaixo, junto a um pé de flor da noite que, molhado da chuva, exalava um cheiro desagradável, a pobre Anilla, vestida de fantasma, estava morta – acesa ainda a lanterna em sua mão carbonizada pelo raio.

23 O portão fechado

Toda vez que iamos à taberna do Diezmo, eu fazia volta pelo muro da rua Santo Antônio e me tocava para o portão fechado, que dá para o campo. Encostava o rosto nas grandes e punhame a olhar para todos os lados, estendendo a vista ansiosamente, o mais que pudesse alcançar. De sua gasta soleira escondida entre urtigas e malvas, parte uma alameda que se ensombra, descendo, na direção de Angústias. E, vale abaixo, abre-se uma estrada larga e interminável, pela qual nunca passei.

Como era maravilhoso ver, através do gradil, a paisagem e o céu, que, fora daquela moldura, também poderiam ser vistos, mas que não teriam o mesmo encanto! Era como se uma barreira imaginária separasse do resto aquele espetáculo, visível apenas pela moldura gradeada do portão... E dali se via a alameda, com a sua ponte e os seus álamos esbrumados, e o forno de ladrilhos, e a curva dos morros de Palos, e as neblinas de Huelva, e, ao anoitecer, os focos do cais de Riotinto, e o eucalipto, ativo e solitário, de Arroyos esbatendo-se à luz violácea do crepúsculo em agonia...

O taberneiros me diziam, rindo, que o portão não tinha chave... Nos meu sonhos, aquele portão abria para jardins feéricos, para maravilhosos domínios de quimera. E, assim como certa vez, confiando na minha fantasia, tentei descer, voando, as escadas de mármore, mil vezes fui, manhãzinha ainda, ao portão fechado, convencido de que, atrás dele, haveria de encontrar o que a minha imaginação confundia, consciente ou inconscientemente, com a realidade...

35 A sanguessuga

– Para, Platero... Que é isso? Que é que tu tens?

Platero está pondo sangue pela boca. Tosse. E anda cada vez mais devagar. Compreendo tudo imediatamente. Ao passar, hoje de manhã, pela fonte de Pinete, Platero bebeu ali. E embora

sempre beba de dentes cerrados e nos pontos mais limpos, decerto alguma sanguessuga grudou-se-lhe à língua ou ao céu da boca.

– Espera, homem! Deixa-me ver...

Peço auxílio a Raposo, o arreeiro, que vem descendo do amendoeiral. E tentamos nós dois abrir a boca de Platero, que a conservava fechada e como que colada a cimento. Vejo penalizado que Platero é menos inteligente do que eu suponha. Raposo apanha um galho grosso e parte-o em quatro pedaços. Toma de um e procura atravessá-lo na queixada de Platero. Não é fácil a operação. Platero ergue a cabeça, empina-se, fuge, vira-se no solo. Afinal, Platero se descuida e atravessamos-lhe na boca o pedaço de pau. Raposo, em seguida, cavalga-o e, com as mãos, puxa a trave para trás, pelas duas extremidades, a fim de que ela não se desloque.

Sim. Dentro da boca, lá está, intumescida e negra, a sanguessuga. Com dois gravetos, em forma de pinça, arranco-a. Contra o sol, é como o monco de um peru que a gente estivesse irritando com um trapo qualquer de pano vermelho. Para que ela não chupe mais o sangue de nenhum burro, aproximo-me do arroio e corto-a pelo meio. O sangue de Platero, caindo na água, tinge de rubro por um momento a borbulhante espuma de um redemoinho...